Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

IMAGENS DA GLOBALIZAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: imagens que podem mais

Willian Sartor Preve
williansartor@gmail.com

Graduando do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC), Bolsista de Iniciação Científica. Endereço: Rua Lauro Linhares, nº 635, B1 - apartamento 405. Bairro Trindade. CEP 88036-001. Florianópolis/SC

Ana Maria Hoepers Preve
anamariapreve@gmail.com

Professora no Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC). Endereço: Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), Avenida Madre Benvenuta, 2007. Itacorubi. CEP 88035-001. Florianópolis/SC

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar a presença de imagens e termos recorrentes na abordagem do tema Globalização, em livros didáticos de Geografia destinados ao Ensino Médio. As coleções de livros escolhidas para análise foram *Território e Sociedade no Mundo Globalizado*, de Lucci, Branco e Mendonça (2013) e *Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e Globalização*, de Sene e Moreira (2015). Para tal fim, fundamentamo-nos nas discussões elaboradas por autores como Massey (2009), Oliveira Jr (2009), Tonini (2011), Flores e Tonini (2014), Godoy (2010, 2013), entre outros. Feita a investigação, foi possível perceber que estamos atravessados por imagens e vocábulos clichês da Globalização, sobretudo com acentuada repetição de dois estereótipos imagéticos. Dado o presente resultado, cumpre perguntar se a repetição do mesmo tanto em imagem quanto em termos não estaria nos impedindo de ver algo, ou seja, de pensar para além do que pode ser pensado.

PALAVRAS-CHAVE

Educação em Geografia. Educação pelas imagens. Imagens da Globalização.

IMAGES OF GLOBALIZATION IN GEOGRAPHY TEXTBOOKS: images that can be more

ABSTRACT

This article aims to investigate the presence of recurring images and terms in the approach of Globalization, in Geography textbooks designated to High School. The collections of books chosen for analysis were *Território e Sociedade no Mundo Globalizado* (LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013) and *Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e Globalização* (SENE; MOREIRA, 2015). To achieve this goal, we are based on discussions elaborated by authors such as Massey (2009), Oliveira Jr (2009), Tonini (2011), Flores e Tonini (2014), Godoy (2010, 2013), among others. After having investigated, it was possible to perceive that we are crossed by clichéd images and words of Globalization, especially with a marked repetition of two stereotypes. Given the present result, it must be asked if the reproduction of the same in both image and terms would not be preventing us from seeing something, that is, to think beyond what can be thought.

KEYWORDS

Education in Geography. Education through images. Images of Globalization.

Introdução

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo

Manoel de Barros

O presente artigo é resultado das investigações realizadas pelo Projeto de Pesquisa intitulado *"O que pode a cartografia e a geografia? Investigações e invenções em educação",* vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia (LEPEGEO)[1].

Apresentaremos aqui as primeiras etapas realizadas, compostas, respectivamente, pelo levantamento de dados e pela análise de dois volumes de duas coleções de livros didáticos de Geografia, destinadas ao Ensino Médio, especificamente os volumes do 2º ano, nos quais os conteúdos da Globalização aparecem em um capítulo ou unidade particular. Destaca-se ainda, que os conteúdos da Globalização encontram-se disseminados nas demais unidades tanto no presente volume quanto nos do 1º e do 3º ano do Ensino Médio de maneira indireta. O escopo deste artigo é investigar a presença

[1] O presente projeto é desenvolvido na linha de pesquisa *Práticas Pedagógicas e Diferentes Linguagens* do grupo de pesquisa *Ensino de Geografia, Formação Docente e Diferentes Linguagens*. Por sua vez, esta linha de pesquisa também é integrante da Rede Internacional *Imagens, Geografia e Educação* (www.geoimagens.net)

de imagens e termos recorrentes na abordagem dos conteúdos da Globalização. Para tal fim, discute-se a visão construída de Globalização que tem prevalecido e, em seguida, aborda-se o papel cada vez mais importante da linguagem imagética na sala de aula, destacando que a fotografia ocupa uma posição de prova documental de um mundo disponível a ser conhecido.

Na sequência, é apresentado um panorama dos conceitos de Globalização presentes nas duas coleções, retratando-se também as suas "possibilidades" (FLORES; TONINI, 2014) e, conjuntamente, algumas imagens presentes nas duas coleções. A seleção das imagens foi baseada em dois critérios, o primeiro, mais restrito, privilegiou as imagens de abertura do capítulo ou da unidade referente à Globalização, o segundo, mais amplo, considerou as imagens distribuídas ao longo dos capítulos e unidades analisados, que apresentam a Globalização exclusivamente. Finalizando, apresenta-se uma conversa com os professores que utilizam os livros aqui analisados[2].

O mantra da globalização

O intuito de abordar a Globalização da perspectiva apresentada fundamenta-se na premissa segundo a qual, de acordo com Massey (2009), a Globalização apresenta-se, atualmente, como

> [...] um dos termos mais frequentemente usados e mais poderosos em nossas imaginações geográficas e sociais. Em seu extremo (e, apesar de extrema, essa versão é, todavia, altamente popular), o que evoca é uma visão de mobilidade totalmente desimpedida, de espaço livre, sem limites. [...] Em seu pior aspecto, tornou-se um mantra. (MASSEY, 2009, p. 125).

Segundo a autora, nesta imaginação geográfica (modo de entender a globalização), palavras e frases (quase como chaves) são obrigatórias, tais como: instantâneo, internet, circuito financeiro 24 horas e colapso de barreiras espaciais. Essa visão do espaço global sem barreiras e aberto não é, todavia, uma descrição do mundo, mas uma imaginação por meio da qual o mundo vai sendo construído. (MASSEY, 2009, p. 129).

Nesse sentido, a recorrência de palavras, bem como de certas imagens, forneceu o suporte necessário para que se formulassem as questões orientadoras no processo de

[2]As publicações são atualmente utilizadas no Instituto Estadual de Educação e na Escola de Educação Básica Simão José Hess, ambas localizadas na cidade de Florianópolis/SC. Tal escolha foi motivada pela existência de laços estreitos de parceria com as instituições via desenvolvimento de estágios curriculares e com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid).

pesquisa tanto nos livros didáticos quanto na conversa com os dois professores: quais são as palavras que mais se repetem quando a Globalização é apresentada nestes livros? Quais as imagens mais frequentes para apresentá-la? Que imaginações geográficas essas imagens podem produzir? Segue-se aqui o rastro das questões que Oliveira Jr e Girardi (2011) levantam ao analisar as produções dos últimos Encontros Nacionais de Prática de Ensino em Geografia (ENPEGs).

Essa imaginação geográfica da globalização, apontada por Massey (2009), é também reforçada por Bauman (1999). Segundo o autor, a Globalização é apresentada como um processo irreversível, pois os discursos recorrentes mencionam os *efeitos globais*, ao invés de expô-los como ações planejadas ou iniciativas e empreendimentos globais (BAUMAN, 1999, p. 7). Ainda de acordo com o sociólogo:

> O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo (BAUMAN, 1999, p. 97).

Ao discorrer sobre as imaginações geográficas impregnadas na maior parte dos discursos sobre a modernidade, Massey (2009) argumenta que as multiplicidades do espaço, ou seja, suas diferenças foram compreendidas como posições na fila do tempo, dando-se sua representação por meio do entendimento de que os diferentes espaços, como, por exemplo, países, obedeciam a uma sequência temporal: países "avançados/ desenvolvidos" e países "atrasados".

Nas atuais narrativas hegemônicas a respeito da globalização, destaca-se a ideia de um determinismo tecnológico e de uma incontrolável expansão do mercado. Desse modo, os países "atrasados" na fila do desenvolvimento devem fazer com que suas economias se voltem à exportação (através de maior abertura comercial), em detrimento do mercado interno, de modo que alcancem os países do Norte, aqueles compreendidos na designação "avançados".

Nos discursos sobre a modernidade, assim como nos da globalização, tem-se uma maneira de negar o desafio do espacial, concebendo o futuro como conhecido e inevitável. Desde que a desigualdade espacial seja entendida segundo termos como "retrógrado" ou "avançado" na fila do tempo, não há espaço para o reconhecimento de trajetórias alternativas, pois novamente se trata de uma inevitabilidade (trajetória única), na qual se retira a política do debate sobre o espaço e aniquilam-se as diversas possibilidades futuras.

Imagens como testemunhas da realidade

As imagens na Geografia são, em sua maioria, encaradas como testemunhos do real e, além disso, sustentam vigorosamente a produção de imaginações geográficas a respeito da Globalização. Ao discorrer sobre o papel das imagens como criadoras de sentidos, Tonini (2011, p. 153) afirma que:

> Examinar a imagem veiculada nos livros didáticos de Geografia como produtora de significados, que utiliza diversas estratégias implicadas em relações de poder para tecer uma malha privilegiada para determinados conhecimentos, é entender que o significado não existe no mundo, não é encontrado como elemento da natureza, como algo que está vagando, o qual basta pegarmos para colocar sobre as coisas [...].

Já Oliveira Jr e Girardi (2011), em uma análise dos últimos ENPEGs, apontam para a superação da hegemonia da linguagem verbal (oral e escrita) no espaço da sala de aula. Os autores dividem os trabalhos dos ENPEGs que versam sobre "diferentes linguagens" em dois grupos: aquele dos professores e acadêmicos que se preocupam com a linguagem como recurso didático e outro grupo no qual as linguagens não são apenas elementos da comunicação, mas viabilizadores de outras produções do mundo.

Neste segundo grupo, em que se concentra um terço dos trabalhos pesquisados, as linguagens não "aparecem [...] com o sentido de comunicação unicamente, mas, sobretudo, com o sentido de criação, de produtoras da realidade ou de realidades" (OLIVEIRA JR; GIRARDI, 2011, p. 4). Nesses trabalhos, não há o uso do vocábulo representação (como espelho da realidade), mas, ao invés disso, do termo apresentação, como um mecanismo criado dentro da linguagem utilizada para dizer da realidade. Neste sentido, o compromisso deste grupo é o de trazer alguma coisa "nova" ao mundo, e no que diz respeito à linguagem imagética, algo fora da lógica que aprisiona imagem à comunicação e à percepção – ao visível, ao conhecido. (GODOY, 2013).

Oliveira Jr. (2009, p. 1), em um artigo no qual aborda a linguagem fotográfica utilizada para a produção do conhecimento acerca dos lugares, aponta que esta escolha se realiza "motivada pelo entendimento de que nas imagens fotográficas se dá com maior nitidez a força de convencimento do real entendido como sendo o visual, o visível". Também afirma que se deve atentar para o fato de que houve, como mediadores daquela imagem, a "cultura fotográfica do fotógrafo, as potencialidades técnicas da câmera, suas lentes e filtros, ou os objetivos." (OLIVEIRA JR, 2009, p. 4).

Nessa mesma direção, referimos uma entrevista realizada por Oliveira Jr e Soares (2013) com o autor de livros didáticos José Eustáquio de Sene[3], na qual discutem o processo de seleção das fotografias nos livros. Destacamos alguns elementos importantes apontados nessa entrevista, tais como: o lugar da imagem fotográfica como comprovação do real (ou do mundo visível), a subordinação das fotografias em relação ao texto e a relevância destas na memorização dos temas da Geografia.

Na ocasião em que foi questionado sobre os critérios de seleção das fotografias, Eustáquio de Sene indica que o conteúdo é o principal deles. Por sua vez, quando perguntado se esse "conteúdo" seria dependente do texto escrito, responde afirmativamente, pois, segundo Sene, o mais importante é "A mensagem que a foto vai transmitir e de forma atrelada ao texto também, porque a gente procura fazer a imagem atrelada ao texto." (OLIVEIRA JR; SOARES, 2013, p. 195).

Os entrevistadores indicam que o lugar das fotografias nos livros didáticos é o de prova documental da realidade. Há uma expressa preocupação em relação à escolha das fotografias, pois conforme Oliveira Jr e Soares (2013), elas podem reforçar um pensamento comum/clichê:

> Depois que passou um tempo, um tempo depois daquele em que o aluno estudou, fez todo esse processo de desmonte do senso comum, fica a força da primeira imagem (ainda mais uma imagem desdobrada, de característica estética forte, ela tem a tendência de se fixar mais na memória do que as outras). E acaba que ela reforça o senso comum... Num período longo, ela acaba reforçando a memória pública. (OLIVEIRA JR; SOARES, 2013, p. 195).

Panorama do conceito de globalização presente nas coleções analisadas

Investigamos dois volumes de duas coleções de livros didáticos de Geografia destinados ao Ensino Médio: *Território e Sociedade no Mundo Globalizado*[4] (LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013) e *Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização*[5] (SENE; MOREIRA, 2015). Contudo, detemo-nos na unidade e capítulo voltado especificamente à Globalização que, em ambos os casos, é abordada no segundo ano do Ensino Médio.

[3] José Eustáquio de Sene é autor de um dos livros analisado neste artigo, intitulado *Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização.*

[4] Livro adotado no Instituto Estadual de Educação.

[5] Livro adotado na Escola de Educação Básica Simão José Hess.

No volume do 2ª ano do Ensino Médio presente na obra *Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização* (SENE; MOREIRA, 2015), deparamo-nos com um capítulo específico destinado ao tema de interesse. Segundo o autor, a Globalização é concebida como uma denominação para a atual fase de mundialização do capitalismo. Suas origens são tão remotas quanto as Grandes Navegações, porém, de maneira imediata, a Globalização é resultado da expansão econômica após a Segunda Grande Guerra e da Revolução Técnico-Científica, a partir da década de 1970. Ainda de acordo com os autores:

> Quando se iniciou o processo de mundialização capitalista, com as Grandes Navegações, o planeta Terra era composto de vários "mundos" – europeu, ocidental, russo, chinês, árabe, asteca, tupi, zulu, aborígene, etc. – e, muitas vezes, os habitantes de um "mundo" não sabiam da existência dos de outros [...] Ao atingir o período informacional, o capitalismo integrou países e regiões do planeta num único sistema, formando o chamado **sistema-mundo** (SENE; MOREIRA, 2015, p. 36, grifo dos autores).



Figura 1 – Imagem introdutória do capítulo 2, intitulado "A globalização e seus principais fluxos". Fonte: SENE; MOREIRA, 2015.

Ao comparar com as fases anteriores do desenvolvimento capitalista, os autores consideram que a atual expansão do capital não se dá inicialmente por ocupação territorial (com algumas exceções motivadas por interesses geopolíticos), mas, sim, por uma "invasão" de mercadorias, capitais, serviços e informações. Na atual fase,

> [...] as novas 'armas' são a sedução pelo consumo de bens e serviços e a agilidade e eficiência das telecomunicações, dos transportes e do processamento de informações, graças aos satélites de comunicação, à informática, à internet [..] aos aviões [...] (SENE; MOREIRA, 2015, p. 37).



Figura 2 – Imagens que dizem respeito às "novas armas."
Fonte: Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização (SENE e MOREIRA, 2015).

Ao examinar o fluxo de informações, Sene e Moreira (2015) comentam que, no início da comunicação de massa, a difusão de informação se configurava localmente, entretanto, graças aos avanços tecnológicos, "Hoje em dia, quase todo o mundo está interligado por cabos de fibra óptica, como mostra o mapa a seguir [...]."(SENE; MOREIRA, 2015, p. 45). A seguir encontra-se a imagem que acompanha o subtítulo "Fluxo de informações".

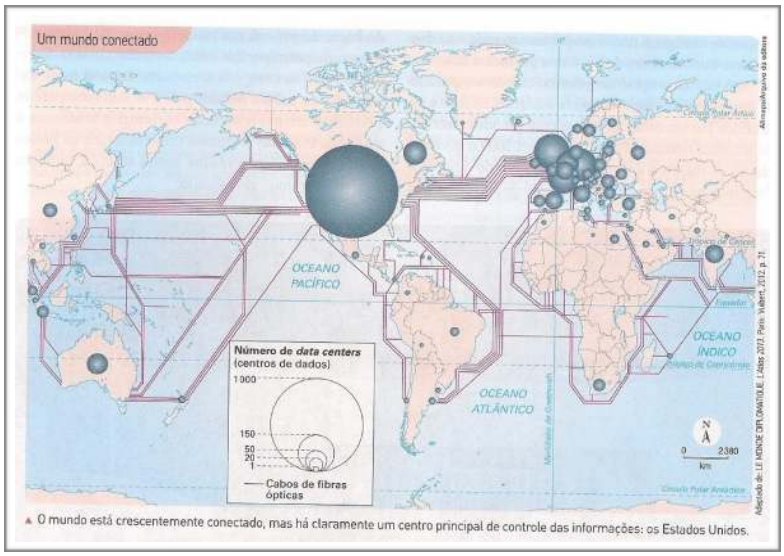


Figura 3 – Primeira imagem presente no subtítulo "Fluxo de informações".
Fonte: SENE; MOREIRA, 2015.

Por sua vez, no volume designado ao 2ª ano do Ensino Médio na coleção *Território e Sociedade no Mundo Globalizado* (LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013), deparamo-nos com uma unidade específica destinada ao tema de interesse e cujo título é "A Economia Mundial e a Globalização". Segundo os autores, desde o surgimento do capitalismo a relação entre os lugares mais diversos do planeta foi sendo ampliada, em razão do desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação. O conceito de Globalização trazido pelo livro é o seguinte:

> A **globalização econômica** é um fenômeno típico da intensificação das transformações tecnológicas e de sua expansão por diversas regiões do globo, a partir da década de 1970. Essas transformações são caracterizadas pela automação e pela disseminação do uso da informática e dos diversos meios de comunicação associados tanto à atividade produtiva (industrial e agropecuária) como a outras atividades econômicas (bancárias, financeiras, comerciais, de lazer e entretenimento). (LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013, p. 72, grifo dos autores).



Figura 4 – Imagem de abertura da Unidade destinada à Globalização.
Fonte: LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013.

De acordo com os autores, em virtude da intensificação da circulação dos fluxos de capital, de informação, pessoas e mercadorias, e das transformações das estruturas produtivas, o espaço geográfico estruturou-se em redes. Essas redes são definidas como "sistemas que interligam e estruturam relações entre diversos

pontos" (LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013, p. 73) do planeta e é através delas que se estabelece a circulação dos fluxos.

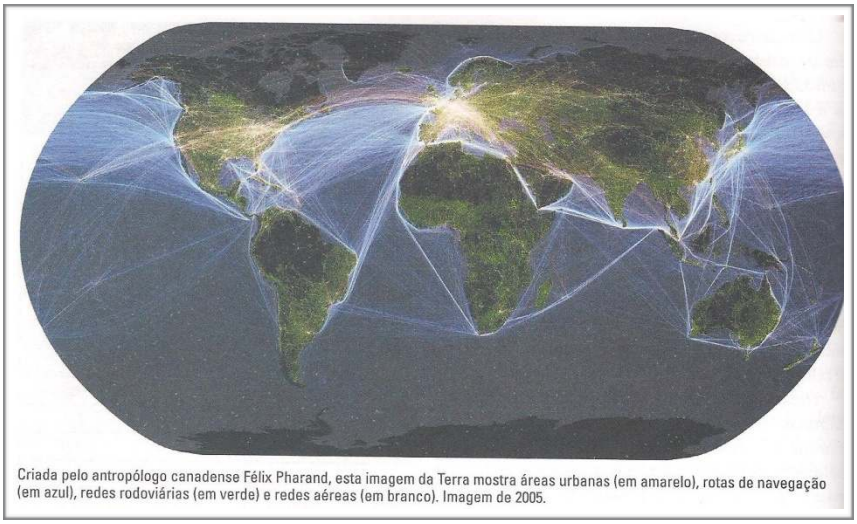


Figura 5 – Imagem presente no subtítulo "As Redes Geográficas".
Fonte: LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013.

Algumas considerações acerca da globalização nos livros didáticos

A partir das palavras que estão obrigatoriamente presentes nos discursos hegemônicos a respeito da Globalização (MASSEY, 2009), investigamos ambas as obras com o intuito de destacar as palavras e expressões que mais se repetem. Algumas expressões foram elencadas, tais como *empresas transnacionais/multinacionais*, *mercado*, *meio técnico-científico-informacional*, *avanços tecnológicos, fluxos, infraestrutura* e *democracia*. Podemos elencar três palavras/expressões em ordem decrescente de recorrência em ambas as obras: *empresas trans/multinacionais*, *mercado* e *fluxos*. A palavra democracia apareceu apenas uma vez em uma das obras consideradas.

Flores e Tonini (2014), ao analisarem o conceito de Globalização nos livros didáticos a partir da concepção de Milton Santos sobre o tema, abrem percursos no rumo das possibilidades da Globalização. As autoras sustentam que o enfoque dados pelos livros limita-se, sobretudo, à apresentação dos seus pontos "positivos" e "negativos". Entretanto, dizem que as tecnologias aplicadas à comunicação atualmente são ferramentas que podem servir de plataforma para a liberdade (FLORES; TONINI, 2014, p. 13).

As autoras afirmam que, dentre as poucas coleções que abordam a Globalização como possibilidade, a perspectiva adotada se encaminha no sentido da organização dos grupos de resistência globais às perversidades desse processo. Trata-se de grupos de estudantes, sindicalistas, organizações sociais e partidos políticos que denunciam, por exemplo, a exclusão das regiões mais pobres. (FLORES; TONINI, 2014, p. 369). A partir das condições técnicas – relacionadas ao relativo avanço e disseminação da internet –, parece possível que estas auxiliem na construção de práticas democráticas, assim justificando-se o critério de escolha deste termo para a presente análise.

A unidade destinada ao tema de interesse presente na coleção *Território e Sociedade no Mundo Globalizado* (LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013) é talvez a que mais se aproxima desse pensamento, pois após tratar da crise financeira iniciada em 2008 e do Estado neoliberal – destacando que a palavra neoliberalismo desponta com grande frequência durante todo o texto –, traz no subtítulo "Por uma outra Globalização" a seguinte fotografia:



Figura 6 – Imagem presente no subtítulo "Por uma outra Globalização".
Fonte: Território e Sociedade no Mundo Globalizado (LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2013).

Já no capítulo que trata da Globalização, situado na coleção *Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização* é relevante elencar a acentuada recorrência da palavra "invasão", comparecendo concentradamente no início e no fim do capítulo, ao tratar da expansão capitalista atual (através da propagação da tecnologia) e dos hábitos culturais, principalmente os alimentares. Discute-se um movimento de reação à massificação da alimentação (representada pelas cadeias globais de *fast-food*), denominado *Slow Food*, que tem como um de seus principais objetivos valorizar o processo cultural que resulta em cada prato.

Conversas com dois professores e reflexões sobre a repetição do mesmo

Durante uma segunda etapa do projeto de pesquisa, realizamos duas conversas com professores das respectivas escolas, pautadas no trabalho já realizado acerca das palavras e imagens que mais frequentemente são utilizadas nos livros. Tínhamos o intuito de saber se os termos mais recorrentes acerca da Globalização e suas respectivas imagens correspondiam àqueles que o professor selecionava e operava com seus alunos.

Os seguintes termos foram elencados pela professora de geografia quando questionada a respeito das palavras que mais se repetem: *empresas multinacionais, tecnologia, sistema capitalista, consumo, meios de comunicação e de transporte e cultura* (Prof. 1). Por sua vez, o professor proveniente da outra instituição cita: *integração econômica, imposição, massificação, homogeneização* e *hegemonia dos países centrais*. (Prof. 2).

Quando conversávamos sobre as imagens que se repetem constantemente, obtivemos dos professores as seguintes respostas:

> [...] a imagem das marcas, aquela imagem da construção do avião da Boeing, em que você tem as peças de várias partes do mundo, que é uma imagem muito clássica. Tem também aquela imagem do hemisfério norte e hemisfério sul se cumprimentando, dando as mãos, como se tentasse dizer união econômica [...]. (Prof. 2).

> Aquela dos fluxos de informações [...] de marcas, de restaurantes, moda, a língua falada. É aquilo que eu te falei: eu parto lá do global e venho vindo, vou falando dos carros que vocês veem na rua, das empresas automobilísticas. E daí tu vai explicar o que é uma multinacional; quando vieram; o que que fez esse mundo estar interligado [...]. (Prof. 1).

A expressão "empresas transnacionais/multinacionais" é, conforme investigamos, a mais recorrente nos livros didáticos analisados e manifesta-se também, de acordo um dos professores, como o termo que mais se repete. Simultaneamente, a "imagem das marcas" também se apresenta como uma das mais repetitivas, de acordo com os professores, podendo-se inferir que essa imagem se assemelha a Figura 1, ou seja, aos ícones das grandes corporações globais.

Após a conversa com os dois professores, pode-se constatar que a mesma repetição de imagens e palavras encontra respaldo na análise dos livros didáticos. Na sequência, optamos por fazer uma simples investigação no Google Imagens[6], digitando a palavra "Globalização" na caixa de pesquisa. Semelhante resultado foi atingido, pois,

[6] Pesquisa realizada no site www.google.com.br em 12 de dezembro de 2016.

entre as primeiras cinquenta imagens obtidas, deparamo-nos com a maioria incontestável de imagens muito similares às Figuras 1 e 5, retratando a recorrência dos ícones das multinacionais e a interligação dos fluxos, respectivamente.

Considerações finais

É possível afirmar, considerando a análise apresentada, bem como as conversas feitas com os professores, que somos permeados por imagens clichês da Globalização, sobretudo por imagens semelhantes às Figuras 1 e 5. Além disso, as fotografias utilizadas nos livros analisados estão emolduradas pelo texto escrito, sendo tomadas como a ilustração de um mundo disponível ao conhecimento, ou ainda postas como informação, no sentido de leitura. Ao se repetirem exaustivamente, tanto as palavras como as imagens constroem imaginações geográficas, principalmente aquelas hegemônicas que evocam uma ideia de espaço livre e sem limites.

Godoy (2010, p. 6) nos fala que a "opinião, a informação e a comunicação, ao organizarem a percepção, fazem valer o reino dos estereótipos, o lugar comum do sentido e do visível, o clichê". Segundo a autora, o clichê tem força suficiente para fazer com que o pensamento mantenha-se subordinado ao lugar comum. Novamente, o potencial das imagens da globalização presentes nos livros analisados está limitado, pois além dos dois estereótipos imagéticos supramencionados, encontra-se também um terceiro, o das imagens das "novas tecnologias", como apresentado na Figura 2.

Dado o presente desenvolvimento e os limites desta pesquisa, podemos constatar o quanto as narrativas dos professores e as dos livros didáticos coincidem, ao mesmo tempo em que coincidem com as imagens que resultam da busca no Google Imagens, diferindo muito pouco das imagens dos livros. Cabe-nos questionar a força das narrativas didáticas, tanto dos textos quanto das imagens, na constituição da narrativa que o professor assume em sala. Além disso, nos perguntamos se o mundo que habitamos não estaria fazendo com que os vocábulos coincidam, e até que ponto é possível esperar outra coisa da Globalização se tudo converge para as mesmas imagens e mesmas ideias.

As etapas aqui apresentadas subsidiam o principal intento deste projeto de pesquisa, qual seja, fazer aparecer uma série de outras imagens e saberes destituídos por esses estereótipos e seu caráter exclusivamente informacional. Para isso, realizaremos oficinas com essas e outras imagens durante as próximas etapas, na tentativa de

responder à questão *o que podem as imagens da Globalização?*. Almejamos assim fazer com que essas imagens sejam potencializadas quando extraídas do contexto e da moldura presentes nos livros didáticos. A breve análise das etapas iniciais nos permite considerar não só a possibilidade mais a importância de criar uma oficina que nos faça *transver* essas imagens, no sentido trazido por Manoel de Barros, para assim tecer outras narrativas acerca da Globalização, conforme Massey (2009), e outras narrativas acerca das imagens didáticas apresentadas repetidamente pelos livros didáticos.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FLORES, S. da S.; TONINI, I. M. Das Fábulas, Perversidade e outras Possibilidades: a Globalização nos livros didáticos de Geografia. In: **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 360-372, out. 2014. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/3244/4224>. Acesso em: 14 dez. 2016.

GODOY, A. Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: CAZETTA, V.; OLIVEIRA JR, W. M. de. (Org.). **Grafias do espaço**: Imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas: Alínea, 2013. p. 209-222.

GODOY, A.; GUIMARÃES, L. B.; REIGOTA, M. Educação Ambiental: Um Prólogo e três episódios de (re)existência. In: BERINO, A.; SOARES, C. (Org.). **Educação e imagens**: instituições escolares, mídias e contemporaneidade. Petrópolis: DP et Alli; Faperj, 2010. p. 165-182. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxvdXRyYXNlY29sb2dpYXN8Z3g6MzA4NTU3YjUwZjE5ODcxMA>. Acesso em: 19 dez. 2016.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L.; MENDONÇA, C. **Território e Sociedade no Mundo Globalizado**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. 3v.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

OLIVEIRA JR, W. M. de; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2011. p. 1-9. Disponível em: <https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.

OLIVEIRA JR, W. M. de; SOARES, E. dos S. Entrevista com o prof. Dr. José Eustáquio de Sene: Fotografias e(m) livros didáticos de Geografia. In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 3, n. 6, p. 192-225, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/166>. Acesso em: 17 nov. 2016.

OLIVEIRA JR, W. M de. Fotografias, geografias e escola. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2009. p. 1-9. Disponível

em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_1364.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SENE, E. de; MOREIRA, J. C. **Geografia Geral e do Brasil**: Espaço Geográfico e Globalização. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2015. 3 v.

TONINI, I. M. Livro Didático: textualidade em rede? In: TONINI, I. M. et al. (Org.). **O Ensino de Geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. p. 145-154.

Recebido em 31 de janeiro de 2017.

Aceito para publicação em 09 de maio de 2017.